



Máquinas Agrícolas: Peças de Reposição – Mercado Carente e Lucrativo

Autor: BIM³

Colaboração: Leopoldo Munhoz

Uma frota que não existe no papel

Existe no Brasil uma frota de mais de 1,6 milhão de máquinas agrícolas, considerando tratores, colheitadeiras e pulverizadores autopropelidos que circulam por milhões de hectares sem deixar qualquer rastro obrigatório em sistemas públicos. Como não há necessidade de emplacamento dessas máquinas, não existe um banco de dados que disponha de informações como a localização, quem opera, idade dessa frota ou tempo de operação.

Para quem vem do mercado automotivo convencional, esse vácuo informacional parece impossível. Afinal, o setor de veículos leves no Brasil é farto em dados: emplacamentos mensais, histórico de propriedade, sinistros, recall, vida útil média, informações que alimentam estratégias de distribuição, precificação e marketing com uma sofisticação que o agro ainda não conhece. No mercado de veículos fora de estrada, a opacidade é a regra. E é exatamente nessa opacidade que reside uma das maiores oportunidades estratégicas inexploradas do agronegócio brasileiro, mais precisamente no mercado de peças de reposição de equipamentos.

O agro que cresce sem que os dados acompanhem

O contexto macroeconômico torna essa invisibilidade ainda mais paradoxal na medida em que, em 2025, o agro ampliado (inclui insumos, produção agropecuária, indústria de processamento e serviços relacionados) respondeu por cerca de 29,4% do PIB brasileiro, o maior patamar em mais de duas décadas.

Enquanto a produtividade agrícola avança em ritmo acelerado impulsionada por culturas de alta demanda como soja e milho, que já permitem mais de uma safra no mesmo ano, a infraestrutura de dados que deveria orientar as decisões de manutenção, reposição e distribuição de peças segue operando no escuro.

+ de 1,6 milhão de máquinas - baixa rastreabilidade

Conduzido pela BIM³ com metodologia própria, o estudo **Panorama de Máquinas Agrícolas** revelou dados inéditos coletados em 2025. O levantamento confirmou o que o mercado suspeitava ao contabilizar **1,6 milhão de máquinas**, com uma expectativa de expansão de **6% para os próximos cinco anos**.

Números impressionantes. Mas os dados que deveriam gerar desconforto nos conselhos de administração de fabricantes de peças, distribuidores e importadores não são os relativos ao tamanho da frota e sim a sua condição... o Panorama aponta que a média geral da frota supera 15 anos!



Um trator com mais de uma década de trabalho intensivo em campo sujeito a pó, umidade, esforço mecânico constante e janelas de manutenção cada vez mais estreitas por conta da expansão das safras, por certo, é uma máquina que consome peças de forma contínua e crescente, um gerador de demanda recorrente.

A demanda existe por si só, pouco dependente de ciclos econômicos, oscilações nas commodities ou restrições de crédito. Ela não é cíclica, mas estrutural. Há espaço para crescimento: *tem dinheiro nessa mesa!*

A tensão que ninguém nomeia

Aqui reside a contradição central deste mercado: o agro brasileiro exige cada vez mais das suas máquinas ao mesmo tempo em que dispõe de menos tempo para repará-las.

A lógica da dupla safra e, em algumas regiões, da tripla cultura, comprime as janelas de manutenção a um ponto crítico. Uma colheitadeira que para no meio da colheita de soja não é apenas um problema mecânico. É um problema financeiro de primeira grandeza, com potencial de prejuízo que supera em muito o valor da peça necessária para o reparo. Em um ambiente onde o custo da máquina parada é altíssimo, a disponibilidade de peças deixa de ser um atributo logístico e passa a ser um fator de decisão de compra do próprio equipamento.

O Panorama confirma isso de forma inequívoca: disponibilidade de peças figura entre os principais critérios de compra de uma nova máquina agrícola, ao lado de desempenho, tecnologia embarcada e pós-venda. O produtor não compra apenas a máquina — ele compra a garantia de que ela vai continuar funcionando quando mais precisar, lógica similar ao mercado de caminhões.

O Brasil que vende para o Brasil que não conhece

A segunda camada de opacidade deste mercado é geográfica. E ela é frequentemente subestimada.

A distribuição da frota no Brasil é profundamente assimétrica. Os tratores estão concentrados principalmente em Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, juntos respondem por quase metade da frota nacional. As colheitadeiras têm sua maior concentração em Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso. Os pulverizadores se distribuem com outra lógica, com peso relevante em Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Essa geografia não é apenas um mapa de onde as máquinas estão, é um guia de onde existe a demanda de reposição, pela falta desse tipo de informação é que a logística de abastecimento frequentemente falha.

O Brasil agrícola de maior crescimento, mais um paradoxo, é o mais difícil de alcançar incluindo as regiões de Cerrado, o MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia) dispõem de grandes frotas que operam onde a capilaridade da rede de concessionárias ainda é baixa, a infraestrutura de transporte costuma ser precária

fazendo o tempo de resposta para uma peça crítica se tornar a diferença entre salvar ou perder uma safra.

Nesse contexto, a estratégia de distribuição de peças que funciona bem para um produtor no interior de São Paulo cujo acesso a múltiplos fornecedores, frete competitivo e concessionária próxima está completamente inadequada, para um produtor no oeste da Bahia ou no sul do Pará pode não atender com a mesma eficiência. Assim, dois produtores na mesma cultura, com frotas de idade similar, vivem realidades de atendimento radicalmente distintas.

Não há dúvida: o mercado de reposição de peças para máquinas agrícolas no Brasil é complexo. Há diversas realidades em cada região desse Brasil continental. Por isso, um entendimento profundo dessa diversidade revela os caminhos para acessar a demanda.

Mapear esses mercados com precisão é o que a BIM³ faz

Informações confiáveis, obtidas de fonte primária, que dispõem de dados por região, com tipo de máquina, perfil de propriedade, diferentes culturas com nível de granularidade analítica é o que separa uma operação de reposição reativa de uma estratégia de crescimento sustentável.

Alguns fabricantes, distribuidores e redes de concessionárias já operam com esse nível de maturidade.

Acesse: bim3.com.br